



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CRIME: A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Cristiano Pinto Anunciação*
(UESB)

Nilton Milanez**
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho se insere na *Análise do Discurso* de linha francesa, tomando os postulados de Michel Foucault. A pesquisa busca avaliar o processo de construção do crime no jornal impresso no município de Vitória da Conquista, interior do estado da Bahia. Serão analisadas especificamente as edições relativas ao mês de abril de 2009 (números 258 e 259) do jornal *A Semana*. O estudo discutirá de que forma a produção de enunciados, por meio da ação discursiva, faz emergir determinados efeitos de sentido, que colaboram para a constituição do acontecimento crime no jornal impresso conquistense, considerando os sujeitos envolvidos e os lugares que ocupam dentro do discurso jornalístico local.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Jornal; Crime.

*Bolsista UESB/PIC; graduando do VIII semestre de Comunicação Social / Jornalismo, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: cristianoanun@bol.com.br.

**Professor Doutor em Linguística / Análise do Discurso, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB/VIC. E-mail: niltonmilanez@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

O crime e o jornalismo

O crime é um fato social bastante banalizado pelos meios de comunicação de massa. Porém, não é de hoje que o crime chama a atenção da sociedade, pelos seus personagens, pelas suas práticas e, principalmente, pelas suas causas e conseqüências dentro da comunidade na qual se insere. As formações discursivas constituídas pelo jornalismo em torno do sujeito criminoso ou do acontecimento crime fazem emergir determinados efeitos de sentido. Por conta disso, cabe, então, ao analista do discurso examinar porque surgem tais enunciados e não outro em seu lugar, como questiona Michel Foucault. Assim como, a produção de sentidos que os mesmos causam. “Crime, independente do ato em si, enquanto nome, é o resultado de um processo de construção, histórica, de sentido” (SANTOS, 2006, p. 8). O jornalismo, como um dos agentes responsáveis pela produção e manutenção de discursos, apresenta-se como um objeto de estudo bastante interessante para o desenvolvimento científico da *Análise do Discurso*, não só no Brasil, mas também no mundo. Na página policial dos jornais impressos - objeto de estudo deste trabalho - é onde mais se encontram os acontecimentos construídos e/ou reproduzidos pelo jornalismo brasileiro. O objetivo desta pesquisa é perceber e discutir como se estabelece a constituição do acontecimento crime no jornalismo impresso local.

O discurso jornalístico

Tomando como base os estudos da *Análise do Discurso* de linha francesa, conforme os postulados de Michel Foucault, o termo discurso vai muito além das



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

questões relacionadas aos processos de língua e fala. O professor Cleudemar Alves Fernandes (2007, p. 18) afirma que discurso “não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma experiência material”. O discurso não se limita à língua (gem) propriamente dita, como se conhece, mas se materializa através dela. É por meio da linguagem que o discurso é expresso. Por isso, “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2007, p. 20). O pesquisador (2007) afirma que

“como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas lingüísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente lingüístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para análise. Eis que, dessa maneira, se instaura um campo de conflitos no qual diferenças sociais coexistem. Se há diferenças, há embates no social e, conseqüentemente, no lingüístico” (FERNANDES, 2007: 23-24).

Discurso é algo que está, continuamente, em curso. É parte de um conjunto maior no qual tem dentro dele o enunciado. Michel Foucault (2008) designa discurso como um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem a regras de funcionamento comuns. Os sujeitos produzem sentidos por meio dos enunciados de seus discursos, revelando sua posição socioideológica. Assim, uma mesma palavra traz consigo diferentes sentidos. Isso atesta a dinamicidade que caracteriza a própria significação das palavras no discurso. “Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso” (FERNANDES, 2007, p. 24).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Sem os sujeitos não haveria os discursos. Assim sendo, sujeitos produzem efeitos de sentidos em seus discursos. “Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2007, p. 21). Os sujeitos são os agentes desse processo discursivo. Vários são os fatores que influenciam na construção da identidade do sujeito. Aliás, o processo de constituição identitária do sujeito é dinâmico e nunca cessa, assim como as práticas discursivas. O professor Nilton Milanez (2008) afirma que o sujeito se compõe não somente de uma unidade, mas de várias e diversas camadas de empreendimentos coletivos e personalizados. “Somos, então, sujeitos: produto de um entrelaçamento de várias identidades que se reinventam por meio de saberes e relações de poder. Por isso, nosso corpo de sujeito está sempre incompleto, buscando algo que nos falta, exterior a nós” (MILANEZ, 2008, p. 1). Portanto, sujeitos levam consigo parte das suas experiências vividas com outros sujeitos em diversas situações. São múltiplas identidades que interagem entre si, formando assim, o sujeito. De acordo com Fernandes (2008),

“diversas são as práticas (ações) e modos de subjetivação que constroem sujeitos com existência singularizada nos grupos que integram. A maneira como vivem e se relacionam na sociedade com os demais grupos define a posição social e uma identidade que lhe é atribuída como própria” (FERNANDES, 2008, p. 1).

O discurso, tal qual é proferido na sociedade, colabora para legitimar o sistema político e socioeconômico vigente. Foucault (2008) declara que em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos. E dessa forma se mantém a “ordem social”. Os procedimentos de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

controle do discurso são inerentes ao mesmo. O autor afirma que até os discursos que surgem espontaneamente, mesmo antes ou depois de sua manifestação, são submetidos à seleção e ao controle. Além disso, discursos podem manipular. Para Foucault (2008),

“por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008: 10).

Cada vez mais, a mídia tem se tornado a principal responsável pela propagação de certos “discursos” na sociedade. Segundo a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin (2007), os discursos que circulam nos meios de comunicação de massa, tendem a acentuar o individualismo e forjar a *identidade* como criação de um *eu* singular e único. Por meio de redes simbólicas, a mídia faz parecer que a identidade resulta de uma construção do próprio eu. Dessa forma, a mídia acaba por produzir representações de certos modelos de sujeitos na sociedade. “Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que, simbolicamente, inserem o sujeito na ‘comunidade imaginada’” (GREGOLIN, 2007, p. 50). Por outro lado, esses modelos socialmente construídos produzem rótulos que favorecem a distinção e ao preconceito para com aqueles que por várias razões não estão inseridos nesse contexto. Esses produtos midiáticos se constroem paulatinamente na história social. Os acontecimentos acabam remetendo a outros passados, associando discurso, história e memória.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

“Pensar o presente é, portanto, tentar compreender a viagem do nosso corpo pelo espaço num tempo determinado” (MILANEZ, 2006, p. 155).

Dessa forma, os meios de comunicação produzem direta e/ou indiretamente, através de seus discursos, efeitos de sentido que acabam por determinar as relações sociais, colaborando para a manutenção do sistema em questão. O professor Felipe Pena (2006) afirma que é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos que submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. É necessário perceber que esse processo é causa e consequência de ideologias, as quais se materializam através dos enunciados produzidos e reproduzidos pelos discursos. “Manuais de redação concordam em um ponto: até o julgamento, o acusado de um crime deve ser apresentado apenas assim – como acusado. Ou suspeito, incriminado, réu e investigado, entre outras palavras que indicam culpa não comprovada” (RAMOS, 2007, p. 66). Porém, muitas vezes, essa norma nem sempre é seguida pelos jornais. Além disso, são utilizados outros mecanismos de controle que colaboram para a construção da identidade do sujeito criminoso na mídia impressa, sobretudo nos jornais locais.

A formação discursiva do crime no jornal

O *corpus* desta pesquisa são matérias jornalísticas (notícias) da página policial (editoria de Polícia) do jornal *A Semana*, de Vitória da conquista (Bahia). As edições analisadas, números 258 e 259, correspondem ao período de abril de 2009. O processo de construção do sujeito criminoso tem início já na introdução das notícias, com o atributo do *lead*. “O *lead* (ou lide) nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

o quê, quem, como, onde, quando e por quê” (PENA, 2006, p. 42). Mas também, são utilizados recursos como títulos, fotografias e legendas, que ajudam a explicitar a narrativa, contribuindo para a formação de determinados discursos. Para esta pesquisa, será utilizado apenas o relato noticioso.

Nas notícias verificadas, diversos enunciados colaboram para a construção discursiva do acontecimento crime no jornal impresso. “Os elementos que nos propomos a analisar são bastante heterogêneos” (FOUCAULT, 2002, p.66). São diversos discursos que se entrelaçam, formando assim, a imagem do crime como acontecimento jornalístico e dos sujeitos envolvidos. Isso acontece primeiramente no *lead* da notícia com a caracterização do sujeito por meio de especificidades como a profissão, o nome completo e a idade do personagem noticioso, como forma de dar um referencial. Além disso, as notícias apresentam a posição (espaço geográfico) que esses sujeitos ocupam dentro do acontecimento crime.

As edições analisadas são: número 258 - do período de 5 a 12 de abril de 2009 - e número 259 - do período de 11 a 18 de abril de 2009. A notícia intitulada *Desempregado tentou matar comerciante*, da edição 258, revela o discurso do desempregado e consumidor de drogas ilícitas que contribui para a criminalidade. Já no início, a matéria jornalística traz uma declaração de Francisco dos Santos Oliveira confirmando a premissa. O crime ocorreu no Bairro Patagônia, considerado uma localidade periférica da cidade, associando ação (crime)/espaço (lugar). No decorrer da notícia, o repórter mescla o sujeito bandido (mal) e o lado humano do mesmo (bom): “(...) Revelou que viu um filho passando fome e foi cobrar um débito antigo e diante de uma negativa, tentou tirar a vida do amigo”.

A matéria jornalística *Preso homem acusado de bater na mãe*, da edição 259, narra uma agressão. Segundo o relato, Gilson de Souza Gomes é acusado de bater na mãe, Mariana Silva Gomes, 81 anos. A notícia é produzida por meio de relatos de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

testemunhas próximas ao suposto agressor: vítima (mãe) e irmã. Neste caso, há uma formação discursiva que associa bebida alcoólica e crime: “Acusado de beber com certa frequência, Gilson negou a agressão e deu sua versão sobre o ocorrido”. De acordo com o relato jornalístico, a matéria *Roubou carro e foi preso*, traz o acusado Dílson Roberto de Souza, de 21 anos, como um sujeito sem ocupação e morador do Bairro Patagônia, parte periférica do município. A narrativa descreve onde o veículo foi roubado e o local que estava o sujeito no ato da prisão, quando acompanhado por dois jovens, confirmou o roubo e foi preso: “Estava acompanhado de dois jovens de 14 e 18 anos, moradores do Parque Conveima, que alegaram apenas estar de carona. Dílson confirmou ter furtado o veículo sozinho e isentou os amigos que foram arrolados como testemunhas e liberados. (...) O acusado foi para a cadeia”. Neste caso, o repórter também traz o lado humano do sujeito, quando coloca que ele isentou os amigos do roubo.

De acordo com a análise, foram verificados efeitos de sentido que compõe, de forma evidente, o acontecimento crime no jornal impresso local. As notícias trazem sujeitos do sexo masculino, associam o crime há algo como desemprego, drogas ilícitas e bebidas alcoólicas. Além disso, os acusados não possuem uma posição, no que diz respeito à ocupação econômica (profissão), na sociedade e, ainda, integra a camada periférica da cidade onde está inserido, neste caso Vitória da Conquista.

CONCLUSÕES

Dessa forma, os meios de comunicação produzem direta e/ou indiretamente, por meio de seus discursos, efeitos de sentido que acabam por determinar as relações sociais, colaborando para a manutenção do sistema em questão. Nota-se que as



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

matérias jornalísticas analisadas apresentam características semelhantes para a construção discursiva do acontecimento crime.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- _____; ALVES Jr., José Antônio. **Sujeito discursivo e construção identitária do mendigo**. In: I Jornada Internacional de Estudos Discursivos. Maringá: UEM, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____; A arqueologia do saber. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso, História e a Produção de identidades na Mídia. In: FONSECA-SILVA, Conceição; POSSENTI, Sírio. **Mídia e Rede de Memória**. Vitória: Edições Uesb, 2007, pp.38-50.
- MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória e intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do texto e do discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos, São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 39 – 60.
- _____; **A possessão da subjetividade. Sujeito, corpo e imagem**. Uberlândia: EDUFU, 2008 (no prelo).
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- SANTOS, Jorge Viana. **Análise semântica de textos jurídicos: sentidos de crime no Código Penal Brasileiro. Estudos Lingüísticos**. São Paulo: Campinas, v. XXXV, 2006.